



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 6, v. 1 | nov 2016.-abr. 2017
p. 95-109.

Experimentação de um dispositivo- corpo em uma vivência *drag*: pesquisar pelo afetar

Lúcio Costa Giroto¹

Cristiane Gonçalves da Silva²

Maurício Lourenção Garcia³

RESUMO: Esse artigo parte de um trabalho de conclusão de curso de Psicologia, que consistiu em um pesquisar cartográfico, cujo objetivo fora mapear o cambaleio existencial do pesquisador nos entre identidades de gênero/sexualidade em uma vivência de um curso de *Drag Queen*. O pesquisador, esquadrihado por corpos e identidades – acadêmico e timidez-macho – se depara com a experiência performática de uma *drag queen*, a qual expressa a relação de gênero borrada, usando a ambiguidade como arma às hierarquias de existências protocolares. O “caminho metodológico” se deu pelo próprio corpo do pesquisador, que percebeu percursos de nomadismos no curso e criou narrativas através e por este dispositivo-corpo político, estético e ético. No decorrer dessa experimentação intensiva, foi possível perceber os limites identitários do pesquisador e da própria maneira de pesquisar e escrever; perceber a finitude possibilitou inventar e arquitetar empatias afetivas por corpos-teorias-outras e suas respectivas tramas singulares de territórios habitáveis.

PALAVRAS-CHAVE: sexualidade; gênero; cartografia; corpo; *drag queen*.

Abstract: This article comes from a final paper for a Psychology Bachelor's degree, which consisted in a cartographic research aiming to map the researcher's existential inconsistencies among gender and sexual identities through a Drag Queen course. The researcher, scanned by bodies and identities — an academic and his masculine timidity —, stumbles across the performatic experience of a drag queen that expresses a blurred gender relation, using ambiguity as weapon to overcome the hierarchy of pre-established existences. The "methodological approach" went through the researcher's own body, who realized nomad trajectories in the drag queen course and created narratives throughout this political, aesthetic and ethical device-body. Along this intensive experience, it was possible to perceive the researcher, the method and the writing's identity limits; perceiving the finitude allowed the development of empathy towards other bodies-theories and their respective singular plots of inhabitable territories.

Keywords: sexuality, gender; cartography; body; drag queen.

Resumén: Este artículo parte de un trabajo de conclusión del curso de Psicología, que consistió en un pesquisar cartográfico, cuyo objetivo fue mapear la trayectoria existencial del investigador entre identidades de género/sexualidad en una vivencia de un curso de *Drag Queen*. El investigador, recorrido por cuerpos e identidades – académico e timidez-macho – se depara con la experiencia performática de una *drag queen*, la cual expresa la relación de género borrosa, usando la ambigüedad como arma a las jerarquias de existencias protocolares. El “camino metodológico” se dio por el propio cuerpo del investigador, que percibió trayectorias de nomadismos en el curso y creó narrativas a través e por este dispositivo-cuerpo político, estético y ético. En el transcurso desta experimentación intensiva, fue posible percibir los límites identitarios del investigador y de la propia manera de investigar y escribir; percibir la finitud permitió inventar y arquitectar empatías afectivas por cuerpos-teorias-outras y sus respectivas tramas singulares de territorios habitables.

Palabras clave: sexualidad; género; cartografía; cuerpo; *drag queen*.

¹ Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de São Paulo, *campus* Baixada Santista (UNIFESP-BS). Email: lucio_girotto@hotmail.com

² Professora adjunta do Departamento de Políticas Públicas e Saúde Coletiva da Universidade Federal de São Paulo, *campus* Baixada Santista. Email: cristiane.goncalves.silva@gmail.com

³ Professor adjunto do Departamento de Saúde, Clínica e Instituições da Universidade Federal de São Paulo, *campus* Baixada Santista. Email: malougar@uol.com.br

Recebido em 06/09/16
Aceito em 30/10/16

Introdução: ética de um pesquisar alteridades

Pesquisas em gênero e sexualidade, orientadas por teorias *queer*, convocam-nos a um pensar que desafia linearidades regulatórias nos corpos, operando sempre nos entres normalidades, propondo manifestos de corpos que incomodam, perturbam, provocam e fascinam (LOURO, 2013). O ato de pesquisar, nessa perspectiva, está sempre nos limites de nomenclaturas, renunciando, além das normalidades corporais, protocolos acadêmicos e de escrita, fazendo troca de si mesma, para talvez, nesse sarro, apaixonar-se por corpos-teorias-outras (PEREIRA, 2015). Manifestos estéticos de potencialidades de corpos estão espalhados por bibliografias, tais como a estética discursiva de uma *Drag Queen* escrita por Butler (2014); ou a resistência prótica experienciada por hormônios e cirurgias por Preciado (2014). Estas bibliografias, que segundo as autoras, colocam em cheque ontologias corporais lineares. Em um pesquisar *queer* é necessário tomar esses corpos-teorias-outras como dicas de afetação e inventar junto a elas. A ingenuidade se encontra em um pesquisar que somente invoca essas vidas para serem explicadas e interpretadas, mesmo armado de teorias *queer* sofisticadas.

O pesquisar se faz em um inventar visceral: na criação de conceitos, na afirmação de ideias e alianças arquitetadas segundo citações de terceiros, que se cria corporalidades e legibilidades. Entender o pesquisar como invenção e não descoberta é prudente, já que possibilita ao pesquisador, espreitar-se das implicações políticas que existem ao *se* pesquisar, abandonando o falso problema da neutralidade. Pensar a produção de conhecimento científico como neutro, é purificar a franja processual do pesquisador e do objeto que ele pretende pesquisar, separando os mesmos de suas estratificações históricas e conexões com o mundo, simplificando invenções em descobertas (BARROS & KASTRUP, 2014).

Abandonando de vez a neutralidade, exige-se uma implicação analítica ao corpo do pesquisador, já que o mesmo não está fora dessas relações de forças, de *scripts* narrativos, mas, ao contrário, mergulhado no meio destas, permeado pelas mais diversas realidades e corporeidades. Foucault (1984), quando inaugura o conceito de dispositivo de sexualidade, evidencia um corpo esquadrinhado pelos mais dispares saberes – do direito às práticas biomédicas - configurando corporeidades pelo controle das microrelações de prazeres e sentires; na invenção de protocolos de corpos segundo um regime de prazer, se legitima ou inviabiliza desejos e práticas. Preciado (2014) descreve este dispositivo como um sistema de escritura: a codificação de sexo/gênero descreve narrativas em corpos, segundo *scripts* socialmente instituídos, através das relações de poder e saber.



O pesquisador não se separa dessa processualidade biopolítica, mas se delimita segundo identidades: corpos-acadêmicos e suas escritas, corpo-macho e suas configurações posturais. O pesquisador está no meio, em suas conexões com mundo, em agenciamentos identitários, em um viver rizomático que “não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-se, intermezzo”, possibilitando nessa conjuntura “força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser” (DELEUZE & GUATTARI, 1996 p.37).

Esquadrinhado por um caleidoscópio de realidades, e atento às implicações políticas deste desenhar, o pesquisador encontra dificuldades em agrimessar o que ele quer pesquisar já que os objetos gênero e sexualidade perpassam seu próprio corpo-pesquisa, fazendo alteridades se confundirem e atravessarem a produção de conhecimento. Talvez nesta confusão que se racha o corpo da pesquisa e do pesquisador, produzindo conhecimentos no encontro de alteridade; experimentar confusões na escrita, no conhecer.

Logo, em um pesquisar sexualidades e gêneros dissidentes, o pesquisador se deparara em uma escolha ético-política: ele pode se orientar pelas definições, passando as vivências-outras pelo crivo de teorias sem corpo, etnocêntricas, livrando seu corpo e sua pesquisa de afecções e afetos; ou escolhe operar pelas fronteiras, nos entre corpos, dando corpos-teorias-outras, passagem, permeabilizando a pesquisa às alteridades, criando conhecimentos antropomorfizados.

Algumas perguntas estratégicas fazem-se necessárias: como pensar em um pesquisar sem o cinismo do campo político que estratifica o existir? Como ter a baliza de se orientar sempre à espreita de existências nomeadas? Estas indagações deram impulso ao processo implicado no trabalho de conclusão de curso de Psicologia, que tem como título “Singularidades e Identidades: descontinuidades entre sexo e gênero em uma vivência *Drag*”, apresentado em novembro de 2015, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Psicologia. A pesquisa se materializou a partir da aposta de um pesquisar pela experimentação performática de uma *Drag Queen* pelo pesquisador, corpo-teoria-outra que expressa a construção de gênero de forma borrada, minando hierarquias de existências protocolares (BUTLER 2014; LOURO, 2013; VENCATO, 2005). O “caminho metodológico” se deu pelo próprio corpo do pesquisador, que percebeu percursos de nomadismos afetivos no curso e criou narrativas por meio deste corpo volátil. Esse artigo trata do esforço de revisitar o dispositivo-corpo ético estético e político do pesquisador.



Articulando um dispositivo-corpo político, estético e ético.

Para a elaboração de um dispositivo-corpo, que produz conhecimento através da experimentação, foi necessário articular três linhas de orientação e sustentação analítica: política, estética e ética que foram desenroladas e inventadas antes e durante o campo-corpo da pesquisa. O pesquisador se matriculou em um curso de *Drag Queen* que fora realizado em 4 aulas, separadas por artifícios e técnicas que uma *performance drag* abrange: aulas de desfile de salto alto, teatro, canto e maquiagem. Atento ao seu corpo, escreveu a experiência do curso em narrativas viscerais, entendendo as mesmas não como relatos de uma individualidade experimental do pesquisador e nem como tentativa de interpretar uma realidade, mas como forma de expressão de afetos que costuram e moldam um corpo. Foi preciso entender e expressar a dançaria processual de um corpo para inventar material investigativo para um trabalho. Por isso, entender para o pesquisador “não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima – céu da transcendência - nem embaixo – brumas de essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão.” (ROLNIK, 2014, p.66)

Para acompanhar e expressar a moldagem afetiva do pesquisador, foi utilizado o método cartográfico, este que visa acompanhar processos e não representar objetos, ou seja, a pesquisa que se orienta pelas forças e linhas que um corpo está conectado, abarcando as inconstâncias do mesmo, segundo variações dessas conexões (BARROS & KASTRUP, 2014). A cartografia oferece a possibilidade de acompanhar a volatilidade corporal, do ser-sexo/ser-gênero do pesquisador conforme suas experiências: “a cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação” (PASSOS & BARROS, 2014, p. 18).

A primeira narrativa “*Drag Tímida*” se constrói nos primeiros momentos do curso e evidencia o corpo macho tímido do pesquisador em encontro aos afetos de uma *drag*. A segunda narrativa “Salto Alto”, carrega os sentidos dos momentos do curso nos quais afetos – danças, saltos e gritos – passam pelo corpo tímido e macho do pesquisador articulando *performances* singulares. No exercício da escrita das narrativas, tentou-se cartografar os terrores e júbilos das inconstâncias identitárias vividas no curso, articulando e criando escrita junto a referências teóricas.



Linha Política: entender o corpo sexualizado como processualidade política.

Entender a processualidade política de um corpo, não é um efeito ideológico, mas carnal. A primeira sensação que foi descrito nas escritas das narrativas era de um saber nada, mesmo introduzido a teorias sofisticadas e explicações políticas. O término da primeira narrativa “*Drag Tímida*” marca o final do primeiro momento do curso onde se manifesta a sensação de fracasso vivida pelo pesquisador:

Não consegui me produzir como uma *drag* que eu fantasiava montar: uma mona destemida, provocativa e aberta ao encontro. Eu imaginava uma afetação tão intensa que ao colocar um salto, produziria uma desordem de minha forma de operar minha existência. O que aconteceu foi um “Pesquisador-de-Saltos”, a revolução que sentia era só em meus calcanhares torcidos por tropeços e em meus dedos esmagados. (Trecho narrativa “*Drag Tímida*”)

A leitura minuciosa sobre gênero e sexualidade não foi o suficiente para dar conta de pesquisar alteridades, de fazer operar corpos outros no corpo do pesquisador. O regime de leituras acadêmicas pode questionar os essencialismos de gênero e sexualidade, mas não aproximou o pesquisador do sentir que envolve o universo de uma *drag*: o artístico de uma maquiagem, a engenharia sensual de uma coreografia, as artimanhas e a dor de se esconder o escroto pelas pernas, os sarcasmos azedos de uma mona; enfim a corporalidade de uma *drag* que não encontra morada no pesquisador que se apresentava como um corpo travado, flácido ao movimento; um corpo tímido-macho.

O corpo do pesquisador e os corpos-teorias-outras estão no meio, arquitetados segundo conexões do contemporâneo. O corpo humano como vida biológica – como condição de uma espécie humana - fora controlado, catalogado e especializado, por investimentos médico-jurídicos, qualificando populações segundo critérios biológicos. A vida capturada evoca-se como objeto político: biopolítica.

A sexualidade como dispositivo estratégico do biopoder, condensa dois vetores de tecnologias sobre a vida: a vida individual e a vida em massa, da disciplinação de corpos individuais, ao controle massivo do corpo social (PELBART, 2003). A percepção de “ser corpo”, portanto, é ativada pelo dispositivo da sexualidade que, segundo Foucault (1984), coloca os corpos em regime de controle, através da intensificação e hierarquização dos prazeres, pelas estratégias de saber e poder. Instaura corpos individuais, legitimados por uma codificação universal de espécie; uma espécie sexualizada. O corpo da sexualidade se tornou uma “questão” de pesquisas e



mediações pelas instituições como a igreja, o Estado, ou a ciência, que, por consequência, ditam verdades e éticas sexuais legitimadas pelo saber do prazer.

Para fazer jus a uma ciência universal que cria uma lógica sexual democrática, há uma infestação de discursos que agrimessam o campo social e psíquico, ligados a uma hegemonia heterossexual. Esse corpo sexualizado estipula um leque de atos fundados em uma coerência linear entre sexo designado ao nascer, gênero, desejo e práticas sexuais; uma linearidade compulsória segundo uma normatividade a ser seguida (MISKOLCI, 2014). A lógica heterossexual é descrita, não como expressão de um desejo individual, mas como relação política que organiza e gerência a vida, uma biopolítica que produz corpos *straight*, “produtos de uma divisão do trabalho da carne, segundo a qual cada órgão é definido por sua função” (PRECIADO, 2011, p.12).

Segundo Rubin (1993) o sexo é sempre político, ou seja, ele é efeito de uma produção humana, construindo-se através de conflitos de forças; estratégias de poder que dão forma a uma realidade, uma existência. A lógica identitária é cínica a essas relações de forças, fazendo supor que as mesmas são efeitos naturais ou transcendentais. Joan Scott (1989) dá pistas de como pensar essa realidade, sem entrar em uma lógica transcendental, apresentando o gênero como um analisador dessa cartografia de encontros sociais. Esse analisador provoca uma crise da lógica binária masculino/feminino fincada no corpo biológico, introduzindo o gênero como construção política de significados do corpo quando afirma que esta perspectiva pretende:

explodir a noção de fixidade, descobrir a natureza do debate ou da repressão que leva a aparência de uma permanência eterna na representação binária dos gêneros. Esse tipo de análise tem que incluir uma noção do político, tanto quanto uma referência às instituições e organizações sociais. (SCOTT, 1989, p.22)

Connel (1995) se aproxima no entendimento político de gênero de Scott (1989), entendendo a masculinidade como configuração de práticas construídas socialmente – reprodução e produção de agires, modos de se vestir, de posturas, de vivências - que reproduzem e produzem sentido nas relações hierárquicas entre corpos generificados. Gênero, entendido portanto, como prática social que materializa diferenças entre corpos humanos. A timidez masculina do pesquisador bancava-se em um distanciamento a corpos-outros. configurando agires e sentires que distanciam de uma afetação a feminilidade que uma *performance drag* invocava em um corpo masculino.

O corpo acadêmico tímido-macho do pesquisador estava implicado nessa biopolítica, cada função e parte de seu corpo era explicado e fazia sentido em operações cotidianas, uma flacidez ao



cotidiano, masculino e tímido. Ao aquecer o corpo, em exercícios propostos no curso, esticavam-se músculos nunca usados, inventavam-se percepções nunca sentidas, escrevia-se em imprevisibilidades corporais. O pesquisador saía de uma flacidez ao movimento e aquecia-se em outras configurações políticas:

A aula começou com vários exercícios corporais e faciais. Levantadas de corpo, contrações no abdômen, esticões de pernas e de braços, gemidos de cansaço. Meu corpo todo sedentário, submetido àqueles aquecimentos e exercícios, o deixavam todo doloroso; expandir o corpo, para além de suas conformações cotidianas produz uma deliciosa dor de movimento. (Trecho Narrativa “*Drag de Salto*”)

Dor ao movimento que borra linearidades carnis de um pesquisador. Segundo Butler (2014), a linearidade de práticas concebe inteligibilidade aos sujeitos que vivem e sentem desta maneira: “Em outras palavras, a ‘coerência’ e a ‘continuidade’ da pessoa não são características lógicas ou analíticas da condição da pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas” (Ibid. p. 38). A autora afirma que a vivência de ser-gênero/ser-sexo se concretiza segundo citações e repetições de comportamentos, que pretendem justificar uma base essencial, como causalidade aos desejos e vontades; referenciando esses atos estilizados como *performances*.

Identificar-se em linearidades produz realidades carnis, efetuando gêneros e sexualidades viscerais segundo uma codificação compulsória heterossexualista, compulsão que exige citações práticas e recorrentes. Pode-se pensar então, que o corpo não se faz em uma interioridade ontológica de “ser”, conseqüentemente fazendo deste “uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquia do gênero e heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2014, p. 198). A interiorização não se trata de um efeito ideológico, consciente; mas como fato-real, impressa no corpo: a interioridade se dá em um processo “permanentemente produzido em torno, sobre e dentro do corpo, pelo funcionamento de um poder” (FOUCAULT, 1979 apud. BUTLER, 2014, p. 193). Portanto, o processo do curso para o pesquisador fora menos uma desconstrução consciente de uma alienação ideológica, do que uma experiência carnal. Ser-gênero e ser-sexo se passavam nas vísceras, e por elas passaram outros “seres”.

Alguns exercícios teatrais que foram descritos nas narrativas tinham, segundo o professor que facilitava o curso, a pretensão de ajudar na superação da vergonha e de treinar a espontaneidade



imane de uma *drag*. Em uma das cenas era preciso inventar movimentos ousados que incluísse a participação de uma cadeira posicionada no meio de todos os participantes do curso:

Sem falar nada, o professor colocou uma cadeira no meio da roda, mas ninguém manifestou ação. Fiquei muito na dúvida no que deveria fazer; alguns simulavam ações com a cadeira, mas nunca se concretizavam. Ficamos alguns minutos assim. Então o professor pegou a cadeira e a bateu no chão, parecendo querer dizer algo. Logo os participantes começaram a dançar com a cadeira, um de cada vez. Claro que fui o último a me manifestar e brincar com a cadeira. Ficava pensando “ai se eu tivesse chapado, faria loucuras com ela”, mas não me movia. Pela pressão dos olhos em meu corpo, sentei, cruzei as pernas lentamente e tentei construir um olhar sedutor aos integrantes na roda. Me senti muito bobo, travado; “meu sentar macho”. (Trecho narrativa “*Drag* Tímida)

O termo “macho-tímido” faz escárnio com a conjuntura de um corpo privilegiado, mimado em sua flacidez e distanciado da afetação de corpos-teorias-outras. Connel (1995) enfatiza os privilégios de corpos vistos masculinos, citando a historicidade de dividendos patriarcais da desigualdade de gênero. Portanto, o sentar-macho e a timidez do pesquisador não fora um problema a ser desconstruído ou suspenso das escritas, pelo contrário, era preciso evidenciar esses traços – constrangimentos acadêmicos e corporais – convocá-los a articulações com proposições – hilárias, satíricas – que o curso oferecia; articulações tanto na escrita, quanto no cotidiano do curso. A identidade precisa ser pensada não como fixa, mas como “apegos temporários às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem” (HALL, 2014, p. 109). Inventar masculinidades permeadas por afetos femininos:

Mas se quisermos compreender o gênero como sendo algo sobre a forma como os corpos são trazidos para um processo histórico, então podemos reconhecer contradições nas corporificações existentes e podemos ver grandes possibilidades e re-corporificação para os homens. Há diferentes formas de usar, sentir e mostrar os corpos masculinos. (CONNEL, 1995, p. 200)

Em outro momento do curso que consistia em criar uma cena com começo, meio e fim, houve possibilidades de um embaralhamento do corpo tímido-macho do pesquisador. Os participantes do curso foram separados em grupos e cada um deles arquitetou a encenação.

Fiquei sem palavras; não me vinham ideias de histórias para serem encenadas. Nenhum nome de minha *drag* consegui dar: perguntaram-me qual seria o nome dela e respondi “não sei”; resposta que elucidava minha experiência daquele dia, e, para carimbarem isso, me batizaram de “*Drag* Não Sei”. A história era de uma *drag* que havia pego um salto de sua



amiga e não tinha contado, pedido permissão. Com o salto, essa amiga foi na mesma balada que a primeira e uma terceira amiga: “*Drag Não sei*”. A única coisa que a “*Drag Não Sei*” falava era “não sei” para fazer jus ao seu nome. Nisso houve muitas ofensas, gritos e puxadas de cabelo. De mim só vermelhidão: do salto apertando meus dedos, até minhas bochechas quase febris (Trecho Narrativa “*Drag Tímida*”)

A *Drag Não Sei*, com suas bochechas febris e dedos esmagados pelas fivelas de um salto, fora construída junto ao corpo do pesquisador durante todo o curso. A nomeação “*Não Sei*” evidenciava os constrangimentos do pesquisador, mas também clamava por passagens de vivências outras; as poucas certezas abalam as obviedades de uma linearidade identificável. O não saber do início do curso, potencializou ao se montar em uma *Drag*. A *Drag Não sei* se orientava pela ética que não é cínica às processualidades discursivas, e que propõe o acesso às variadas verdades por meio de experimentações: o corpo do pesquisador moldava-se por diversos manifestos de gênero e não através da aplicação de conceitos para a descoberta de uma única verdade neutra. Viver a vida como obra de arte, Foucault (2006) propõe uma estilística da existência. Butler (2014), fazendo jus ao processo visceral do gênero e inspirada na leitura de Simone de Beauvoir, sugere que essa vivência marcada pelos gêneros se chame “estilos de carne”.

O pesquisador que percebe o desenhar político dos corpos, pesquisa pelo encandecer de fixidades inspirado pela explosão de Scott (1989). Um pesquisar que se propõe produzir conhecimento pelas alteridades, alinha-se a um conhecer que entende corporeidades como processualidades políticas e não engessamentos ontológicos; nos encontros de corpos que se forma conhecimento de gênero/sexo outro.

Linha estética: aliar-se ao manifesto estético queer

Os pensamentos *queer* oferecem manifestos estéticos a um pesquisar que pretende produzir conhecimentos no encontro de alteridades. Os estudos *queer* problematizam – através de críticas e reflexões das mais diversas áreas de saberes – a lógica heterossexual como um regime sociopolítico (MISKOLCI, 2014). *Queer* rompe com uma lógica linear e ontológica, descosturando desta, linhas de alteridades. Em inglês, a expressão “*queer*” carrega significados pejorativos, representando ecos de falas opressoras que ridicularizam homens e mulheres homossexuais (LOURO, 2013). A escolha desse nome, atribui a esse modo de “ser” e “pensar”, uma força política, implicando-se numa oposição à normalização: na releitura orgulhosa às ofensas excludentes, apropria-se de novas formas de vivências e corpos (PELÚCIO, 2014).



Portanto, como tática de resistência, corpos *queer* usurpam as diversas injúrias – de patologias a pecados – e as positivam; fazem escárnio a um suposto corpo passivo ao biopoder, reconfigurando corpos como espaços de potência de criação (PRECIADO, 2010).

Pode-se dizer que *queer* é o corpo que se move pelo invisível, pelas micro-revoluções cotidianas, como um fluxo descontínuo que cambaleia e se arrasta pelas fronteiras de identidades conforme as forças que se passam. Fronteiras são lugares de relação, regiões de encontros, cruzamentos, zonas de policiamento e ao mesmo tempo espaço de transgressões (LOURO, 2013) e é onde o corpo *queer* irá se aventurar como um artesão de afetos. As singularidades se dão nesse campo, através de lutas e guerras, mas também como performances paródicas que evocam figuras esquisitas.

O pesquisador, atento aos manifestos estéticos *queer*, propôs o encontro de seu corpo a estética de uma *drag*, costurando a timidez-macho acadêmica junto as artimanhas espalhafatasas de um *drag*. O pesquisador fazia questão de retratar os movimentos ridiculamente, tratava o pesquisador com riso. Na aula de desfile de salto, surge a *slack-line drag*:

A próxima atividade seria desfilarmos com os saltos. Pedi emprestado ao professor seu salto; os calçados pareciam bem gastos, acredito que aqueles eram muito usados em ensaios. Todos se posicionaram na parede no fundo da sala: a atividade consistia em atravessar o cômodo desfilando com os saltos. Repetimos diversas vezes o ir e voltar pela sala. Neste desfile era necessário fazer “carões”, pulinhos e giratórias. Fui o último a desfilarmos; nervosismo: olhava os meus pés, mantinha meus braços afastados de meu corpo para dar mais equilíbrio e andava encurvado; como um *slack line drag*. Nesse andar ouvia-se do pessoal: “É preciso apoiar com as pontas dos pés” e tentando apoiar meus dedos na dianteira do meu andar, balancei meu corpo inteiro para frente, quase caindo com a testa no chão. (Trecho Narrativa “*Drag de Salto*”)

A *Drag Queen*, como manifesto estético, tem potência *queer* no sentido de ser transgressora, como uma personagem estranha e paródica. Ela se aventura pela construção do gênero feminino e nessa formação de corpo coloca em crise a lógica binária masculino/feminino que organizam os encontros sociais e explicita que a identidade não é tão definida: ela se cria e se esfarela conforme algumas potencialidade de certos encontros (LOURO, 2013). Butler (2014) aposta que na performance de uma *drag*, há o embaralhar da suposta linearidade anatômica, de identidade de gênero da performista; “ao imitar o gênero, a *drag* revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero – assim com sua contingência” (p.196). Figura hilária, que proporciona risos quando foge do esquadrihar “normal” de um corpo, provocando gargalhadas



pela imagem “mimética” de um suposto “original”; o riso pelo estranho é abalo a uma originalidade, o qual sempre foi um derivado.

Nessa potência paródica, possibilitou ao pesquisador experimentar reconfigurações discursivas de seu próprio corpo, usando-o como solo fértil à afetação de corpos-outros. A paródia é política para além de um corpo de um pesquisador; a gargalhada se espalhava pelas escritas e pelo jeito de pesquisar. Sarro político, pois pensa em uma pesquisa da afetação, que tira onda da delimitação de objetos, do pesquisador que não se afeta, que não se angustia. A mobilização de escrita/performance em uma coisa só, a *slack-line drag* se espalhava pelo pesquisar.

Linha ética: Orientar-se em uma ética de afetação:

A leitura de Espinosa por Deleuze (2002) oferece pistas para pensar em um corpo volátil sempre em imanência. Espinosa descreve um corpo em duas proposições: a primeira diz que um corpo se constitui segundo relações intensivas de velocidades e lentidões, pensando o corpo em constituição volátil, caracterizando-o sempre em relações de afetos. O corpo como possibilidade de cambalear nos entres, se forma e deforma segundo velocidades intensivas: de um jeito que “nunca começa, nunca se recomeça tudo novamente, a gente desliza por entre, se introduz no meio, abraça-se ou se impõe ritmos” (DELEUZE, 2002, p. 128).

A segunda proposição refere-se a um corpo segundo sua capacidade de afetar e ser afetado. O corpo para Espinosa não se define por suas funções, extensões ou sujeitos; ele “sabe que os corpos e as almas não são para ele nem substância nem sujeitos, mas modos” (DELEUZE, 2002, p. 129). Portanto, a existência dinâmica do corpo se caracteriza pelo poder de ser afetado e pelos afetos de que ele é capaz.

“A palavra ‘afetar’ designa o efeito da ação de um corpo sobre o outro, em seu encontro” (ROLNIK, 2014, p. 57). Afetos não são sentimentos interiores dos sujeitos, eles são fluxos, forças, que passam pelos corpos, nas intersecções destes; atravessando e superando separações entre pesquisador e vidas outras. Os fluxos afetivos que são produzidos no encontro de corpos intensivos arrastam os mesmos para percepções inéditas, alteridades para além homem/mulher, heterossexual, pesquisador; devires não humanos de um homem, “trata-se portanto, de uma zona de indeterminação, de indiscernibilidade, como se coisas, animais e pessoas atingissem um ponto (embora no infinito) que precede imediatamente sua diferenciação” (PEREIRA, 2012, p. 527).



Pela experimentação de um corpo intensivo, que é possível ao pesquisador ficar a espreita das cartografias de poder e saber, no campo de imanência de sentidos. No encontro com esse ensopado de viveres inéditos que se desfaz a ideia corrente de um ser substancializado. Pressupõe, a partir desse corpo, uma ética de viver que é atenta às cartografias de afetos, expandindo existências para além de subjetividades industrializadas consumíveis (GUATTARI & ROLNIK, 2013). Esse corpo tem uma grande potência revolucionária, pois ele foge das subjetividades dadas e propõe singularizações para contrariar individualizações. Corpo singularizante que recusa subjetividades catalogadas; este que se faz “por um calor nas relações, por determinada maneira de desejar, por uma afirmação positiva da criatividade por uma vontade de simplesmente viver ou sobreviver, pela multiplicidade dessas vontades. (Ibid. p.56). A singularização aparecia em estalos afetivos em determinadas cenas do curso. Em uma delas, apresentava um arquetetar afetivo policialesco, a marcação de ritmicidade pelas batidas das agulhas de um salto, gritarias masculinas e o lixar de unhas impecáveis; arquetetava-se corpos afetivos em um marchar singularizante:

A energia daqueles gritos por todos os homens que estavam ali, davam fôlego aos passos. Os gritos raivosos, proferidos através de vozes grossas, tornavam a cena estimulante. Talvez o professor tenha percebido o revigoreamento e a potencialidade dos homens de salto, gritando em voz-macho. Contagiado por essa onda de escárnio sugeriu uma coreografia marchante, policialesca, dentro da musicalidade pop que a música proporcionava. Havia algo transgressor naquilo; algo delicioso no marchar de salto, no ritmo do bater de agulhas ao chão, no “hei!” de todas ao responder o “sentido!” do professor, no esforço físico maior que um simples marchar de bota militar. No meio desse marchar, havia pausas de descanso (ainda dentro da coreografia), os quais as meninas simulavam o lixar de unha, retocar de maquiagem, etc. minha forma-macho não operava mais, ela se esfarelou entre saltos e marchas. (Trecho Narrativa “*Drag de Salto*”)

O recusar de dicotomias tipo homem/mulher, arquetetando algo novo na mistura entre essas duas realidades, oferece algumas condições para se criar um corpo volátil estranho, que em vez de se identificar em uma posição, se alinha em várias; corpo promíscuo de conexões. A cena evidencia alianças de afetos nas *performances* que o curso convocava o pesquisador a estilizar: saltos altos marchantes, marcando passos com vociferações masculinas. Oportunidades de construir-se e habitar um corpo que, charmosamente, sobrepõe-se a outros corpos que se pretendiam naturais (VENCATO, 2005). Em outra cena, demonstra o corpo do pesquisador se modificando ao encontro de um salto alto; devir-*drag*:



Endireito minhas costas tentando me equilibrar; meus braços medrosos e afastados, tentam se aproximar de meu tronco; esticando meus dedos e com as palmas para baixo, tento manter um micro-gesto feminino em minhas mãos. Ouço o conselho: “ande colocando um pé na frente do outro”, tento segui-lo e começo a me sentir mais elegante, minha bunda contraída ganha ritmo nesses passos, um na frente do outro, conforme me orientaram; e nesse balançar dos quadris simula-se em minha cara um “carão”, provocativo. O devir-*drag* ganha corpo na ritmicidade de uma bunda contraída. Tento dar pulinhos. O primeiro foi bem-sucedido, para minha surpresa, e para de meus colegas; teve uma salva de palmas para minha façanha. (Trecho Narrativa “*Drag* de Salto”)

A partir dessas oportunidades transgressoras arquitetadas com o corpo macho tímido, as narrativas eram tomadas por um devir-*drag*, evidenciando a paródia das construções de gênero. Pode-se chamar de devir-*drag*, intensidades que tomam o pesquisador quando ele se articula com determinados afetos: quando anda de saltos altos, quando a bunda contrai, algo se passa na experiência do pesquisador. Esses estalos, não são um simples articular numa significação de uma mulher, num representar uma essência mulher, mas um captar de intensidades, um cambalear na fronteira de gêneros (GUATTARI, 1987). Arquitetava-se atos estilizados, costurando afetos para uma *drag*-tímida. Estender panturrilhas, aos tropeços e bochechas vermelhas; ela era “mais de um. Mais de uma identidade, mais de um gênero, propositalmente ambígua em sua sexualidade e em seus afetos. Feita deliberadamente de excessos, ela encarna a proliferação e vive à deriva” (LOURO, 2013, p. 21).

Nas angústias de lidar com a arbitrariedade de atos, na fronteira entre a percepção de um corpo concreto e linear, e também um corpo volátil desconectado de citações estilísticas de comportamento, o pesquisador se deparava com possibilidades de arquitetar *performances* no curso. Nas relações de comportamentos arbitrários, que são desprendidas de uma ontologia de “ser”; havia a potência de transgredir e de criar outros existires pelas formações de outras *performances* (BUTLER 2014).

Considerações finais: a aposta do sentir como ética

O que se pretendia com uma proposta de trabalho que instalou crises ao corpo e na escrita acadêmica? O que é ser pesquisador após o processo de cartografar alteridades? É difícil pensar em “ser”, sem um coçar atrás da orelha. Após um cambalear nos entre identidades, instala-se a ética do perceber relações por afecções; sentir-se no meio de processualidades políticas, sempre em composição de singularidades, de intensidades que chegam, se instalam e passam. Um processo esquivo, de flutuação constante.



Era preciso abrir espaços entre identidades anestésicas e embriagar-se do caldo afetivo, propor encontros das identidades acadêmica e tímido-macho ao manifesto estético de uma *performance Drag Queen*. De anestesia a lisergia afetiva. Porém é necessário destacar e reconhecer onde se propõe caminhar cartográficos; havia facilidades ao de moldar afetos para alinhar-se em outras direções. Como um pesquisador pré-alinhado ao regime de estratificação acadêmica, armado por teorias sofisticadas, havia a facilidade de elaborar planos de experimentação que locomovia de territórios, para moldar afetos, criar campos de vivência, sem no entanto, perder sentido em um território confortável existencial de um trabalho de conclusão de curso. Nomadismos podem ser violentos, aqueles que são obrigados a se reorientar para além do que é legível, pelas conjunturas singulares de uma narrativa de vida.

Não se trata de levantar bandeiras pós-identitárias, pensando em uma ideologia ao nomadismo, a androgenia como caminho promissor as existências. O cerne do trabalho foi manifestar um pesquisar que percebe a finitude de teorias e corpos, possibilitando inventar e arquitetar empatias afetivas por corpos-teorias-outras e suas tramas singulares e territorialidades. É preciso pensar saberes e existências como limitadas, mas que nesse limite possa operar infinitas combinações afetivas. No além limite de um corpo, de uma pesquisa e de uma escrita se cria vínculo com outras experimentações, outros mundos, outros corpos.

Referências

- BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virginia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA Lílana. (Orgs.) *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014. p.52-75.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- CONNELL, Robert. W. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul.-dez. 1995.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs vol. 1*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade e Política: Ditos Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: A vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 2013.



- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014. p.103-133.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- MISKOLCI, Richard. Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre teoria queer. *Florestan*, v. 1, n. 2, p.08-25, nov. 2014.
- PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA Liliana. (Orgs.) *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014. p.32-51.
- PELBART, Peter Pál. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- PELÚCIO, Larissa. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. *Florestan*, v. 1, n. 2, p.26-45, nov. 2014.
- PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Limites, traduções e afetos: profissionais de saúde em contextos indígenas. *Mana*, v. 18, n. 3, p.511-538, dez. 2012.
- PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer decolonial: quando as teorias viajam. *Contemporânea*, v. 5, n. 2, p.411-437, Jul.-Dez. 2015.
- PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Estudos Feministas*, v.19, n. 1, p.11-20, 2011.
- PRECIADO, Beatriz. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: N-1 Edições, 2014.
- PRECIADO, Beatriz. Entrevista com Beatriz Preciado (por Jesús Carrilo). *Revista Poiésis*, v. 52, n.15, p.47-71, Jul. de 2010. Tradução de RIBEIRO, Giseli e revisão de GERALDO, Sheila.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- RUBIN, Gayle. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In: ABELOVE, Henry; BARALE, Michèle e HALPERIN, David. (orgs.) *The Lesbian and Gay Studies Reader*. Nova York: Routledge. Tradução de FERNANDES, Bruno Martins Fernandes e revisão de GROSSI, Miriam Pillar, 1993.
- SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses*. Gender and the politics of history. New York: Columbia University Press. Tradução: DABAT, Christine Rufino; ÁVILA, Maria Betânia, 1989.
- VENCATO, Anna Paula. Fora do armário, dentro do closet: o camarim como espaço de transformação. *Cadernos Pagu*, n. 24, p. 227-247, Jun. 2005.

